

País deve fixar os próprios juros

A idéia é defendida por Galbraith, Prêmio Nobel de Economia

ADAUTO CRUZ



Waldir e Richa: propondo abertura, inclusive nos "pacotes" econômicos

MARCOS OLIVEIRA



Rio — O Brasil deveria usar seu poder de barganha junto aos bancos credores internacionais para forçar uma moratória, por um prazo determinado, de sua dívida externa. No entanto, seja qual for a renegociação, ela deve prever uma redução substancial dos juros e uma rolagem do total da dívida pelo maior tempo possível. Os Estados Unidos, e mesmo o Canadá, não têm respaldo moral para exigir que o Brasil cumpra à risca seu acordo com os banqueiros, porque, no século passado, tomaram empréstimos volumosos da Inglaterra, que até hoje, em grande parte, ainda não foram pagos.

O conselho foi do prêmio nobel da economia e ex-embaixador americano na Índia, John Kenneth Galbraith, lembrando que para os Estados Unidos é mais interessante aumentar as exportações para o Brasil do que receber o pagamento dos empréstimos. Por isso, o governo brasileiro deveria dirigir esforços no sentido de aliviar as pressões externas sobre a economia nacional, sem temer prejuízos maiores nas suas futuras relações com a comunidade financeira internacional. "Quando devemos mil dólares para os bancos, ficamos à sua mercê, mas quando a dívida é de 100 bilhões de dólares, eles é que ficam sob nosso controle", disse.

Na sua opinião só depois que as pressões sobre o equilíbrio econômico diminuirem é que o governo poderá partir para um descongelamento. Responsável pela adoção de um sistema semelhante nos Estados Unidos, durante os quatro últimos anos

da segunda guerra mundial, Galbraith defende um reajuste de preços e assegura que isso não terá efeitos inflacionários. Pelo contrário, afirmou, servirá para combater o órgão. "Nos EUA só tivemos este problema com relação à carne e aos automóveis. Além da fiscalização ser muito intensa, os americanos tinham grande conscientização da importância dessa política de controle de preços", completou.

Ao contrário de outro prêmio nobel de economia, o italiano Franco Modigliani, seu "amigo e vizinho em Cambridge", Galbraith não considerou a troca de índice de inflação "um golpe sujo" contra a população. "Neste ponto discordamos. Acho legítima a utilização de um índice que reflete apenas as necessidades das camadas mais pobres. Na época do congelamento nos EUA, também adotamos um índice restrito, com resultados positivos.

Mas nem tudo que é bom para os Estados Unidos é também para o Brasil. Lá, em 1942, Galbraith afirmou haver compatibilizado o congelamento com elevados investimentos privados. Aqui, os empresários ainda relutam em investir, embora o economista canadense acredite na possibilidade de o País atingir uma taxa de crescimento de 5 por cento no próximo ano e numa significativa ampliação do parque industrial brasileiro. "Diante das últimas medidas do governo e com os próximos investimentos, será possível manter o equilíbrio entre a oferta e a demanda agregada e assim chegar ao fim do congelamento".